

*Eixo Temático 16 – Gênero e Profissionalização Docente: Desafios do Tempo
Presente.*

Giovanna Dedone da Silva¹
Iracema Santos do Nascimento²

**MULHERES NA SALA DE AULA – A PRESENÇA DE ESCRITORAS LITERÁRIAS
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

RESUMO

O presente artigo decorre de projeto de iniciação científica sob temática da invisibilidade de mulheres com participação na vida pública, tendo como principal foco a apresentação de escritoras de literatura literária enquanto importantes objetos de pesquisa, além da reflexão sobre as implicações na formação de docentes no curso de Licenciatura em Pedagogia da FE-USP. Tem como objetivo compreender as estruturas utilizadas para reconhecer ou invisibilizar as escritoras literárias, através da análise de personalidades retratadas por meio de tarefa didática solicitada na disciplina de gênero e educação. Resultados apontam que a maioria dos estudantes tende a reconhecer mulheres já consagradas, em que suas presenças e obras são comumente reforçadas em livros didáticos e em exposição midiática.

Palavras-chave: Gênero; Educação; Escritoras; Livro didático; Invisibilidade.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP) - SP, giovanna.dedone@usp.br

² Professora doutora de graduação e pós-graduação junto à Faculdade de Educação da USP (FE-USP). Ministra a disciplina de Relações de Gênero e Educação junto ao curso de Pedagogia. Principal tema de pesquisa e atuação: Gestão Democrática da Educação e Diferenças-Diversidade, iranasci@usp.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho deriva de projeto de iniciação científica que visa compreender os processos específicos pelos quais a invisibilidade da contribuição de mulheres para a vida pública nas mais diversas áreas se reproduz na educação, buscando perceber recortes de raça, classe e sexualidade.

O projeto debruça-se sobre os dados gerados por tarefa didática solicitada às turmas de duas disciplinas do campo de gênero e educação, lecionadas no curso de Pedagogia na FE-USP³ em 2018 e 2020. Denominada “Retratações”, consiste na produção e apresentação de perfis de mulheres que tenham tido contribuição na vida pública brasileira, em qualquer área e época, desde um âmbito mais comunitário até posições mais relevantes no cenário nacional.

Nos dois anos, as turmas se surpreenderam com a gama enorme de mulheres com atuação relevante na sociedade sobre as quais jamais tinham ouvido falar. A invisibilização de mulheres impacta os currículos da educação básica e do ensino superior, de modo que futuras(os) professoras(es) passam pelos dois níveis de ensino sem referência da produção de mulheres, e assim entram em sala de aula, já como docentes, reproduzindo o apagamento.

Utilizaremos os dados referentes a 2020, pois trabalharemos com o grau de conhecimento das turmas sobre as personalidades retratadas, o que foi aferido por meio de enquête aplicada somente às turmas daquele ano. Do conjunto, destacamos mulheres escritoras de literatura literária, devido a sua presença ou ausência em livros didáticos da educação básica e em acervos distribuídos por programas governamentais a escolas públicas. Nossa hipótese é que as e os estudantes conhecem mais ou menos tais personalidades por meio dessas duas fontes: livro didático e acervo literário utilizado na escola.

Resultados preliminares da pesquisa mostram que as turmas tendem a conhecer mais nomes e obras de escritoras que têm recebido notoriedade pública e que vêm sendo reiterados continuamente em livros didáticos e nas práticas de ensino de literatura. A pesquisa também provoca reflexões sobre quais estratégias pedagógicas precisam ser desenvolvidas para oferecer às atuais gerações referências de mulheres importantes para a vida pública.

³ Disciplinas optativas: Relações de Gênero e Educação I - Trabalho, Educação e Gênero; Relações de Gênero e Educação II - Escola e Relações de Gênero.

METODOLOGIA

Em 2020, 82 estudantes dos turnos manhã e tarde realizaram a atividade “Retratações”. Deduzindo-se uma repetição, foram 81 personalidades retratadas.

A partir de comentários de estudantes durante as aulas sobre o quanto conheciam ou desconheciam as personalidades apresentadas, elaborou-se um questionário para verificar o grau de conhecimento sobre elas. Cada estudante deveria responder à pergunta “Você já conhecia as personalidades apresentadas nas Retratações?”, com uma das seguintes opções: “1 - Sim”; “2 - Não”; “3 - Já tinha ouvido falar, mas não lembrava”. A enquete foi respondida por 71 estudantes.

Elaborou-se, então, a base de dados primária, de onde foi possível extrair: ranqueamento das personalidades mais às menos conhecidas; percentual geral de popularidade; comparações sobre o grau de conhecimento de cada estudante em relação à retratação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Tomando como base referenciais provenientes de feminismos não hegemônicos, das pedagogias críticas e de teorias decoloniais, pretendemos analisar os dados gerados e produzir novos, de modo a compreender os mecanismos específicos pelos quais a invisibilidade de figuras femininas se reproduz na educação, considerando recortes de raça, classe, sexualidade, local de nascimento, dentre outros.

O extenso estudo “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”, conduzido por Regina Dalcastagnè, verificou que a maioria das pessoas que publica romance no Brasil é formada por homens brancos, de classe média e do eixo Rio-São Paulo. A homogeneidade da autoria se reflete na produção: a maior parte das personagens (narradores, protagonistas e coadjuvantes) possui o mesmo perfil de seus autores. A pesquisa se debruçou sobre 692 romances escritos por 383 autores em três períodos. Se houve uma evolução do número de mulheres autoras ao longo das três fases (1965-1979; 1990-2004; 2005-2014), o mesmo não aconteceu com o pertencimento étnico-racial, que se manteve predominantemente branco. A proporção de mulheres autoras saiu de 17,4% na fase 1 para 27,3% na fase 2 e

29,4% na fase 3. Já a proporção de pessoas autoras não brancas parece ter piorado: saiu de 7% na fase 1 para 2,4% na fase 2 (quando outras 3,6% não se identificaram), chegando a 2,5% na fase 3.⁴

Tais dados demonstram o ciclo vicioso de reprodução das desigualdades socioeconômicas e simbólicas estruturantes da sociedade brasileira. Se sempre o mesmo perfil de pessoas ocupa espaço no poder da palavra literária, como seria possível diversificar narrativas? Tratando da presença da subjetividade negra na literatura no texto literário, Cuti não descarta a possibilidade de autoras(es) brancas(os) inserirem personagens negras em suas produções, uma vez que, mesmo intransferível, a subjetividade negra, segundo ele, “é comunicante pela semelhança de seu conteúdo humano”. No entanto, em uma sociedade fundamentada no racismo estrutural (ALMEIDA, 2019; OLIVEIRA, 2021), tal exercício de alteridade literária é praticamente impossível.

No Brasil, os escritores brancos poderiam ter oferecido ao seu público tais experiências, mas perderam e perdem essa oportunidade por se negar estar não na pele, mas no coração de um negro e, a partir daí, realizar seu texto. É que os preconceitos também têm sua profundidade e participam da moldagem da personalidade e até do estilo. (CUTI, 2010, p. 87-88).

Desse modo, a contrapartida simbólica da *divisão racial e sexual do trabalho* (GONZALEZ, 2020, p. 56), conceito que Lélia Gonzalez apresentou originalmente em 1979, é o perpétuo risco de uma história única, denunciado por Chimamanda Adichie (2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As respostas compuseram um ranqueamento de personalidades, das mais às menos conhecidas. Dentre as 81 personalidades retratadas, 8 eram ou são escritoras de literatura literária.

⁴ Dados divulgados em matéria publicada no site da Revista Cult, em 5/2/2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/> [Acesso em 31.7.2022].

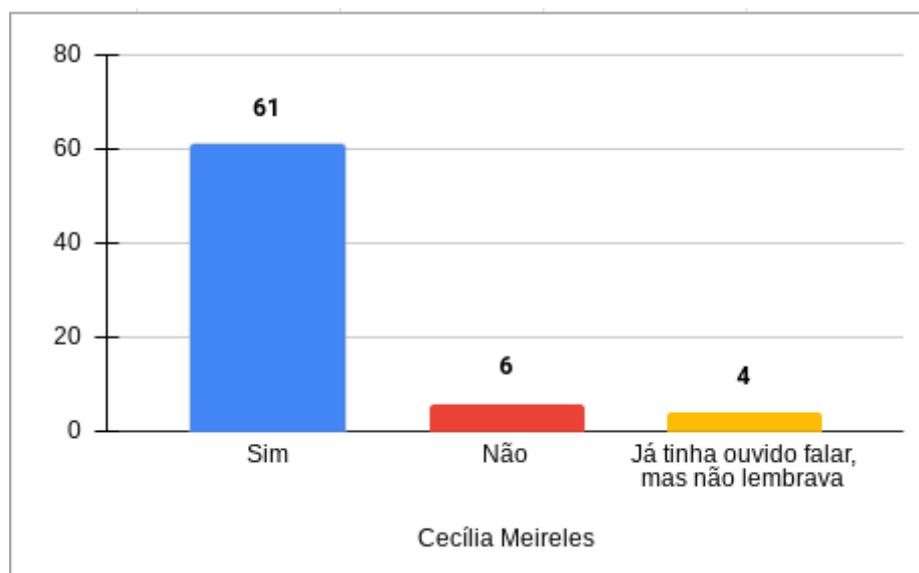
Quadro 1 – Posição das escritoras segundo o grau de conhecimento das turmas do 1º semestre de 2020 (total de 71 respostas)

Nº	PERSONALIDADE	PERÍODO DE ATUAÇÃO
4	Cecília Meireles	1919 - 1964
8	Carolina Maria de Jesus	1960 - 1977
10	Cora Coralina	1908 - 1985
15	Conceição Evaristo	1980 - Atual
30	Jarid Arraes	2011 - Atual
33	Ana Cristina César	1970 - 1983
34	Maria Firmina dos Reis	1860 - 1917
53	Maria Vilani Gomes	1984 - Atual

Fonte: Elaboração das autoras, a partir dos dados gerados sobre grau de conhecimento de estudantes da disciplina, no curso de Pedagogia da FE-USP.

Observamos também a quantidade de estudantes que informaram conhecer ou desconhecer cada uma delas, verificando significativas disparidades entre os graus de conhecimento. Os resultados preliminares revelam questões e hipóteses instigantes a serem investigadas no desenvolvimento da pesquisa, conforme exemplificado a seguir.

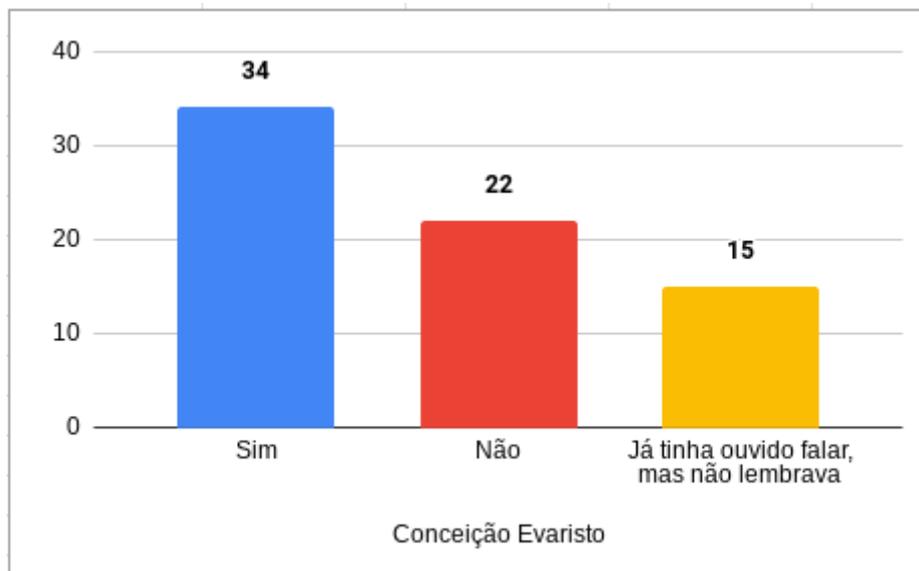
Gráfico 1 – Grau de conhecimento de Cecília Meireles (total de 71 respostas)



Fonte: Elaboração das autoras, a partir dos dados gerados sobre grau de conhecimento de estudantes da disciplina, no curso de Pedagogia da FE-USP.

Cecília Meireles foi a 4ª personalidade mais conhecida dentre as 81 retratadas e a 1ª dentre as escritoras (quadro 2). De 71 respondentes, 61 confirmaram conhecê-la (86%), apenas 6 (8,5%) informaram não conhecê-la e somente 4 (5,6%) disseram que já tinham ouvido falar dela, mas não se lembravam (gráfico 1). Já Conceição Evaristo (gráfico 2), na 15ª posição no conjunto de 81 retratadas, foi apontada como conhecida por 34 estudantes (48%), desconhecida por 22 (31%) e não lembrada por 15 (21%).

Gráfico 2 – Grau de conhecimento de Conceição Evaristo (total de 71 respostas)



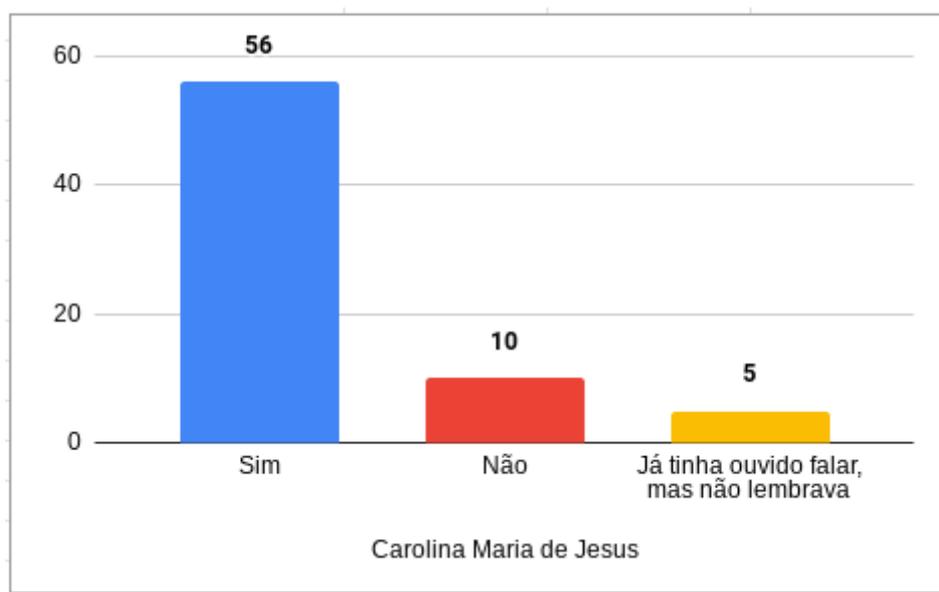
Fonte: Elaboração das autoras, a partir dos dados gerados sobre grau de conhecimento de estudantes da disciplina, no curso de Pedagogia da FE-USP.

Cecília Meireles é uma escritora pertencente ao cânone da Literatura Brasileira. Suas obras têm grande repercussão em livros didáticos de língua portuguesa amplamente utilizados na educação básica, além de livros de sua autoria serem repetidamente distribuídos às escolas públicas por programas governamentais. É possível que seu amplo (re)conhecimento ocorre pelo contato na vida escolar pregressa. A estudante que apresentou o perfil de Cecília explicou, na tarefa, como conheceu a escritora: “Conheci em algum dos anos do ensino fundamental II. Lembro da professora de Português trazendo os seus poemas para que a classe pudesse interpretar...”.

Enquanto isso, a proporção bem menor de respondentes que afirmaram conhecer Conceição Evaristo, considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras da contemporaneidade, pode estar relacionada à sua ausência em livros didáticos e à inclusão ainda recente de suas obras em programas governamentais de distribuição de materiais literários às escolas públicas. Em 2018, pela primeira vez, três de suas obras foram inseridas no PNLD Literário (Programa Nacional do Livro Didático), o que não se repetiu em 2020.

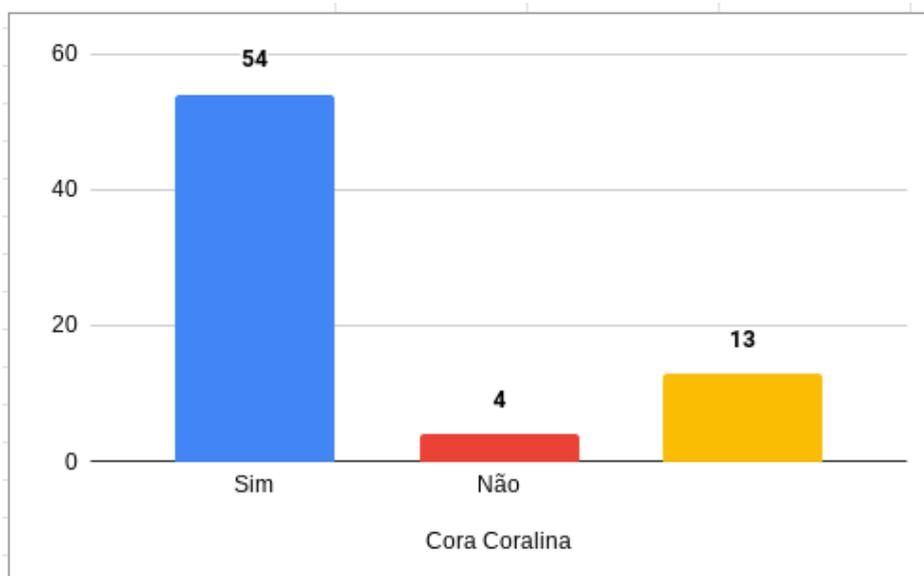
Entre as duas personalidades citadas, no entanto, aparecem outros dois nomes – Carolina Maria de Jesus (8ª posição na escala geral e 2ª escritora mais conhecida) e Cora Coralina (10ª posição no conjunto e 3ª escritora mais conhecida).

Gráfico 3 – Grau de conhecimento de Carolina Maria de Jesus (total de 71 respostas)



Fonte: Elaboração das autoras, a partir dos dados gerados sobre grau de conhecimento de estudantes da disciplina, no curso de Pedagogia da FE-USP.

Gráfico 4 – Grau de conhecimento de Cora Coralina (total de 71 respostas)



Fonte: Elaboração das autoras, a partir dos dados gerados sobre grau de conhecimento de estudantes da disciplina, no curso de Pedagogia da FE-USP.

Os quatro nomes permitem comparações profícuas por formarem duplas com perfis aproximados: Cecília e Cora Coralina foram mulheres brancas, nascidas em famílias privilegiadas e atuaram praticamente no mesmo período.

Cecília Meireles era filha de um bancário e de uma professora de ensino primário, no Rio de Janeiro. Tornou-se órfã muito cedo e foi criada pela avó materna, a portuguesa Jacinta Benevides. Completou seus estudos na Escola Normal e ingressou no magistério, dedicando-se aos estudos de canto e violino. Publicou seu primeiro livro apenas dois anos depois da conclusão dos estudos na Escola Normal. Foi nomeada pela Secretaria da Educação para administrar um centro infantil e convidada para ministrar conferências nas universidades de Lisboa, obtendo grande prestígio em sua carreira (COELHO, 2001, p. 12).

Cora Coralina nasceu no interior de Goiás, filha de desembargador nomeado por Dom Pedro II. Estudou apenas até a 3ª série do curso primário. Começou a publicar poesias aos 14 anos, porém foi “incentivada” a esquecer a escrita pelo marido. Foi reconhecida aos 75 anos, recebeu muitos prêmios literários e tornou-se uma poetisa referência na literatura brasileira.

Já Carolina e Conceição nasceram mulheres negras em famílias de baixo prestígio social, marcadas por extremas dificuldades de sobrevivência. Carolina nasceu em Sacramento (MG) e foi criada por sua mãe e seu avô. Por subsídio de uma das “patroas” de sua mãe, frequentou a escola por dois anos. Mais tarde, Carolina seguiu os passos de sua mãe e trabalhou como cozinheira e faxineira.

Embora tenha havido deslegitimação das várias formas de criação literária e demais linguagens artísticas de Carolina (diário, romance, conto, crônica, peça de teatro, poesia e composição musical), há um resgate contemporâneo de sua obra, atestando sua inegável contribuição para a literatura brasileira. Em 2017, seu livro “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada” tornou-se leitura obrigatória dos vestibulares da Universidade Estadual de Campinas e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possivelmente, deve-se também a isso o fato de ser a 2ª escritora mais conhecida pelas turmas.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu na extinta favela do Pindura Saia, Belo Horizonte (MG). Foi a segunda filha, num total de nove irmãos, e trabalhou como babá e faxineira enquanto concluía seus estudos no Curso Normal. Formou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e iniciou sua carreira no magistério. Tornou-se Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (LITERAFRO, 2022).

Dadas as características biográficas das quatro escritoras, que refletem as profundas desigualdades socioeconômicas e raciais da sociedade brasileira, poderíamos afirmar que Carolina “ultrapassou” Cora em termos de notoriedade pública, a ponto de ser mais conhecida por estudantes de Pedagogia. Tal fato não surpreendente, dada a movimentação em torno do legado de Carolina, que permite não só acesso a sua obra, mas torna sua leitura obrigatória (no caso dos já mencionados vestibulares).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os exemplos apresentados, não se pretende “ranquear” e muito menos “opor” mulheres com destaque na vida pública, mas refletir sobre fatores que possibilitam a

transposição da invisibilidade, relacionando-os aos currículos da educação básica e do ensino superior na formação de professoras(es).

Portanto, uma atividade didática “simples” como a aqui descrita abre caminhos pedagógicos e de pesquisa bastante profícuos. Trata-se do possível exercício para ampliação de repertório de quem torna-se professor(a), além de refletir e debater profundamente sobre a estrutura e lógica da formação docente.

Quanto à pesquisa, destacamos uma pergunta: o que é preciso fazer para que o nome de uma mulher seja lembrado como significativo e sua obra seja reconhecida em sua área? Os resultados iniciais aqui apresentados sinalizam que a reiteração do nome de uma mulher ao longo do tempo e a distribuição contínua dos textos por ela produzidos, no caso da literatura, são respostas possíveis para essa questão.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. **O perigo de uma única história.** TED Global. Digital. Disponível em: [ht-tps://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/up-next?language=p-t-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/up-next?language=p-t-br). Acesso em 31 jul. 2022.

ALMEIDA, S.L. **Racismo estrutural.** São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

COELHO, N. N. Cecília Meireles: vida e obra. **Revista do Centro de Estudos Portugueses.** Dez, 2001.

CUTI, L. S. **Literatura negro-brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2010.

GONZALEZ, L.. **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Organização: Flavia Rios; Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

OLIVEIRA, D.. **Racismo estrutural:** uma perspectiva histórico-crítico. São Paulo: Dandara, 2021.

REVISTA LITERAFRO. Conceição Evaristo. Faculdade de Letras da UFMG, 2022. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso



em: 31 jul. 2022.